

# Os dicionários portugueses, devedores da lexicografia espanhola

Dieter Messner  
Universidade de Salzburgo

É bem sabido que em certas épocas da história da linguística portuguesa houve pessoas que liam as obras filológicas escritas em Espanha<sup>1</sup>. Também os autores de dicionários antigos da língua portuguesa conheciam os dicionários espanhóis. Já antes de 1700, por exemplo, Bluteau<sup>2</sup>, um dos mais importantes lexicógrafos, consultava frequentemente uma obra espanhola, quase cem anos mais antiga, o *Tesoro de la lengua castellana, o española* (Madrid, Luis Sanchez, 1611) da autoria de Sebastián de Covarrubias Orozco para explicar a origem de palavras. E, ao contrário de outros autores de dicionários, ele demonstra uma sinceridade desconhecida entre os lexicógrafos, a de indicar a fonte. Ainda hoje é possível descobrir a influência espanhola em dicionários portugueses; não é raro que reproduzam ao pé da letra as explicações etimológicas contidas no dicionário de Joan Corominas<sup>3</sup>. Menos frequente é o fenómeno de a dicionarística espanhola ter recorrido a fontes portuguesas. No primeiro dicionário da Academia Espanhola, publicado entre 1726 e 1739, o *Diccionario de la lengua castellana*, que chamamos hoje *Diccionario de Autoridades*<sup>4</sup>, encontramos alusões à obra de Rafael Bluteau<sup>5</sup>.

---

1. Vid., por exemplo, Rogelio PONCE DE LEÓN, «Fuentes españolas en la primera polémica gramatical portuguesa del siglo XVIII (1721-1736)», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 2 (2005), 365-376.

2. Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus (vols. 1-4); Lisboa, Pascoal da Sylva (vols. 6-8); Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva (v. 9); Lisboa Occidental, Patriarcal Officina da Musica (v. 10), 1712-1728 (v. 1 [A], 1712; v. 2 [B.C], 1712; v. 3 [D.E], 1713; v. 4 [F.G.H.I], 1713; v. 5 [K.L.M.N], 1716; v. 6 [O.P], 1720; v. 7 [Q.R.S], 1720; v. 8 [T.U.V.X.Y.Z], 1721; v. 9 [Supplemento ao vocabulario: Parte primeira], 1727; v. 10 [Supplemento ao vocabulario: Parte segunda], 1728).

3. Joan COROMINAS, *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, Zürich, Francke, 1954, 4 vols., y Joan COROMINAS y José Antonio PASCUAL, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Madrid, Gredos, 1980. Cf. Dieter MESSNER, «Sobre etimologías portuguesa y española», *Limite* 1 (2006), 1-10.

4. Ed. facs. Madrid, Gredos, 1964.

5. Beatriz GÓMEZ-PABLOS, «Rafael Bluteau en el Diccionario de Autoridades», *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna* 22 (2004), 67-78.

Covarrubias, chamado por Bluteau «curioso investigador de etimologias», foi também a fonte para difundir as explicações etimológicas em Portugal que o arabista espanhol Diego de Guadix já havia redigido antes de 1593<sup>6</sup>. O primeiro exemplo vem de Bluteau:

Bluteau 1712	Guadix 1593	Covarrubias 1611
<p>Almondega. Almôndega. Derivase do Castelhana Albondiga, &amp; este [...].</p> <p>(segundo o Padre Guadix) he vocabulo corrupto do Arabico Albidaca, que val tanto como Carne picada, &amp; misturada com outra. Almondegas são bolos de carne picada. Carnis minutae, ou minutim concisae globi, ou globuli, orum. Masc. Plur<sup>7</sup>.</p>	<p>Albondiga. Llanan en España a cierta suerte de manjar de carne picada reducida a forma y manera de unas valillas o pelotillas. Consta de al, que, en arábigo, significa la, y de be, que significa com, y de daq o daca, que significa moledura o picadura o desmenuçadura; de suerte que, todo junto, albedaca o albidaca significa la con moledura o con la picadura, .i., la carne molida o picada; y corrompiéndolo, hinchen la boca de toda esta corrupción: albóndiga.</p> <p>Note el curioso lector que fuere arábigo que todo eso viene d'este verbo daq, que significa moler, y de aqui se llama la harina daquiq [...]<sup>8</sup>.</p>	<p>Albóndiga. El nombre y el guisado es muy conocido; es carne pícada y sazónada com especies, hecha en forma de nueces o bодоques, del nombre bunduqun, que en arábigo vale tanto como avellana, por la semejanza que tiene en ser redondo. Y bunduqun propiamente sinifica la ciudad de Venecia, de donde llevaron las posturas de los avellanos o su fruto, y por eso le pusieron el nombre de la tierra de do se llevó, como es ordinário; pues décimos [...] Esta interpretación es de Diego de Urrea.</p> <p>El padre Guadix dice que albóndiga es vocablo corrompido de albidaca, que vale carne picada y mezclada com outra.</p> <p>El diminutivo de albóndiga es albondiguilla [...]<sup>9</sup>.</p>

É fácil ver que Bluteau suprime, neste exemplo, a sua fonte, que era Covarrubias, e não Guadix.

O segundo exemplo que documenta a prolongada influência de Covarrubias, provém do *Dicionário da Academia Portuguesa*, publicado em 1793<sup>10</sup>.

Alquitira. s. f. Certo arbusto de flores polypetalas, e da familia das leguminosas. He denominada por Linneo Astragalus tragacantha [...]. He voz puramente Arabiga, segundo Covarrubias, que traz as origens, que lhe assignão Diogo de Urréa e o P. Guadix. A. da Cruz, Recop. 2,8 Fação este colerio. R. Sarcaiola nutrida [...] alquitira, &c. Azev. Correç. 2,2,121 Alquitira e gomma arabiga. Morat. Pratic. 1,30,1 Gomma alcatira, amendoas doces, de cada hum meia onça.

Os lexicógrafos da Academia Portuguesa não só consultaram o dicionário de Covarrubias, mas também os dicionários da Real Academia Espanhola. Raras vezes indicam a proveniência, como na entrada «Alcorque»:

6. Diego de GUADIX, *Recopilación de algunos nombres arábigos que los árabes pusieron a algunas ciudades y a otras muchas cosas* (eds. Elena Bajo Pérez y Felipe Mañillo Salgado), Gijón, Ediciones Trea, 2005.

7. Rafael BLUTEAU, *Vocabulario*, v. 1, 275.

8. Diego de GUADIX, *Recopilación*, 222.

9. Sebastián de COVARRUBIAS, *Tesoro de la lengua castellana, o española*, Madrid, Luis Sanchez, 1611, 84.

10. *Dicionário da Lingoa Portuguesa publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Officina da mesma Academia, 1793, 273. (reimpressão em Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências, 1993). Dora-vante, referir-me-ei a esta obra por meio da sigla DLP.

DLP 1793	Autoridades <sup>2</sup> 1770	DRAE 1780
Alcorque. s. m. ant. Certo calçado antigo, que tinha a sola de cortiça. No Diccion. Castelhana se diz, que parece vir do Arabigo córque, que significa o mesmo, accrescentado o articulo al [...] <sup>11</sup> .	Alcorque, s. m. antiq. Zapato ú outro calzado, que tenia la suela de corcho. Parece viene del árabe corque, que significa lo mismo añadido el artículo al [...] <sup>12</sup> .	Alcorque, s. m. antiq. Zapato, ú outro calzado, que tenía la suela de corcho. Parece viene del árabe corque, que significa lo mismo añadido el artículo al [...] <sup>13</sup> .

Tanto na segunda edição do chamado *Diccionario de Autoridades*, de 1770, como na primeira edição do chamado *Diccionario común*, de 1780, (DRAE) descobrimos a identidade das microestruturas espanhola e portuguesa.

É interessante constatar que, neste exemplo, os lexicógrafos portugueses não só copiaram a explicação etimológica, facto que declaram abertamente, mas também toda a microestrutura do dicionário espanhol, sem confessá-lo. Inserem um único exemplo de palavra, retirado de um texto escrito pelo autor de «Palmeirim de Inglaterra», Francisco de Moraes, falecido em 1572. Fica o único documento da palavra em todos os dicionários seguintes, até o ano de 1858, quando se publicou a sexta edição do Moraes<sup>14</sup>, que é o último dicionário do meu projecto de investigação, chamado *Diccionario dos dicionários portugueses*<sup>15</sup>, do qual provêm todas as citações cronológicas que seguem.

1789 Moraes (1.<sup>a</sup> edição)

Alquorques, s. m. pl. chapins antigos, de meia capellada, Palmeir. capellada.

1793 DLP

Alcorque. s. m. ant. Certo calçado antigo, que tinha a sola de cortiça. No Diccion. Castelhana se diz, que parece vir do Arabigo córque, que significa o mesmo, accrescentado o articulo al. Mor. Dial. 1,8 v E sustentardes, que huns chapins de meias capelladas, que chamão alquorques, era o melhor traje do mundo.

Alquorque, s. m. ant. Vej. Alcorque.

1813 Moraes (2.<sup>a</sup> edição)

Alcórque, s. m. Calçado rustico com cortiça por sola. Palm. P. 1. nos Dial. do T. 3. ult. Ediç.

Alquorques, s. m. pl. Chapins antigos, de meya capellada, Palmeir. capellada.

1818 Diccionario geral<sup>16</sup>

Alcorque, s. m. (ant.) calçado antigo, que tinha a sola de cortiça.

Alquorque, s. m. chapim antigo, de meia capellada.

1831 Moraes (4.<sup>a</sup> edição)

Alcórque, s.m. Calçado rustico com cortiça por sola. Atado por cima com correyas, especie de galocha, ou tamancos V: Alquorque. Palm. P.1. nos Dial. do T. 3. ult. Ediç.

11. *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 195.

12. *Diccionario de la lengua castellana* [...]. *Segunda Impresión corregida y aumentada*, Madrid, Joachin Ibarra, 1770, Tomo primero A-B, 152.

13. *Diccionario de la lengua castellana*, Madrid, J. Ibarra, 1780 (ed. facs., Madrid, Espasa-Calpe, 1991), 45.

14. Antonio de Moraes SILVA, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha, 1858. Sexta Edição.

15. Cf. Dieter MESSNER, «O Dicionário dos dicionários portugueses», em *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino* (eds. M<sup>a</sup> Aldina Marques, Erwin Koller, José Teixeira y Aida Sampaio Lemos), Braga, Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, 2005, 183-193.

16. *Diccionario Geral da Lingoa Portuguesa de algibeira*. por tres literatos nacionaes. Contem mais de vinte mil termos novos pertencentes a Artes, Officios, e Sciencias, todos tirados de Classicos Portuguezes, e ainda não incluídos em Diccionario algum até ao presente publicado. Lisboa: Impressão Regia 1818-1821. Supplemento ao Diccionario Portuguez de Algibeira, Lisboa: Imprensa Nacional 1821.

Alquòrques, s. m. pl. V. Alcórque. Palm. Dial. 1. p. 15. ult. ed. «chapins de meas capelladas que chamavão alquorques».

1836 Constâncio<sup>17</sup>

Alcorque, ou Alquorque, s. m. (al art. Arab. e cortex Lat., cortiça), calçado rustico com sola de cortiça, atado por cima com correias, especie de tamancos.

Alquorques, s. m. pl. (provavelmente de corcha, cortiça), chapins antigos de meia capellada. Palmeir. Dial. 1.

1845 Diccionario Universal<sup>18</sup>

Alcorque, ou Alquorque, s. m. (ant.) certo calçado rustico com a sola de cortiça. § etym. de alcornoque.

Alquorque, (ant.) V. Alcorque.

1858 Moraes (6.<sup>a</sup> edição)

Alcórque, s.m., Calçado rustico com cortiça por sola, atado por cima com correias; especie de galocha, ou tãmanços V: Alquorques.

Alquòrques, s. m. pl. V. Alcórque. Palm. Dial. 1. p. 15. ult. ed. «chapins de meas capelladas que chamavão alquorques».

Vemos, em Moraes 1789 que a primeira e, no meu entender, única forma documentada se escreve com 'qu'. Mas no dicionário acadêmico de 1793, provavelmente por influência espanhola imitando o artigo do *DRAE*, os lexicógrafos escreveram a palavra com 'c', a forma que se perpetua até hoje.

1999 Novo Aurélio

alcorque [...] Chapim antigo, com sola de cortiça<sup>19</sup>.

2002 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Alcorque s. m. ant. espécie de sandália com sola de cortiça [...] <sup>20</sup>.

2005 Dicionário da Língua Portuguesa

Alcorque s. m. (ant.) calçado com sola de cortiça [...] <sup>21</sup>.

Os três lexicógrafos acadêmicos não foram os únicos em copiar dicionários espanhóis. Os autores de um *Novo Diccionario da Lingua Portueguez*, de 1806<sup>22</sup>, destacam-se pela inserção de muitas palavras recuperadas, dizem no título, de autores portugueses antigos e modernos. E, realmente, se compararmos as entradas com aquelas que contêm os dicionários antecedentes, podem-se ver algumas novidades. Mas estes neologismos não provêm de uma investigação empírica da língua de então, por volta de 1800, mas sim do vício do qual padecem todos os lexicógrafos: o plágio.

Não é difícil descobrirmos que os neologismos do dicionário de 1806 foram tomados do

17. Francisco Solano Constâncio, *Novo Diccionario crítico e etymologico da lingua portuguesa*. Paris: Angelo Francisco Carneiro Junior Tip. de Casimir 1836.

18. *Diccionario Universal da Lingua Portueguez*, que abrange 1. Todos os Vocabulos da Lingua Portueguez, antigos e modernos, suas accepções e sentido conforme as autoridades de nossos classicos, [...] por Uma Sociedade de Litteratos. Lisboa: Typographia de P.A.Borges, 1845.

19. Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999, 89.

20. António HOUAISS y Mauro de Salles VILLAR, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, v. 1, 187.

21. *Dicionário da língua portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2005, 70.

22. O título completo é o seguinte: *Novo Diccionario da Lingua Portueguez Composto sobre os que até ao presente se tem dado ao prelo, e Accrescentado de varios vocabulos extrahidos dos Classicos Antigos, e dos Modernos de melhor nota, que se achão universalmente recibidos*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1806. A obra não está paginada.

*Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas Francesa, Latina é Italiana*, de Esteban de Terreros y Pando<sup>23</sup>. Um exemplo:

- 1786 Terreros y Pando  
Alíptica, parte de la antigua medicina, que enseñaba el modo de frotar, untar el cuerpo, para conservar la salud, procurar nuevas fuerzas, y mantener la belleza de la tez.
- 1806 Novo Dicionario  
Alíptica. S. f. Parte da Medicina antiga, que ensinava a conservar a saude, e a côr ungingo o corpo.
- 1845 Dicionario Universal  
Alíptica, s. f. (antig.) acto de pensar os cavallos; parte da medicina antiga que ensinava a maneira de ungir os corpos para conservar a saúde, e a belleza da côr. § gr. aleiphein, ungir.

Acrescento também a entrada correspondente do *Dicionário Universal* de 1845, que demonstra uma microestrutura bastante semelhante à de Terreros y Pando. Pode ser, então, que o lexicógrafo espanhol fosse copiado duas vezes por lexicógrafos portugueses, em 1806 e em 1845.

O dicionário de 1806 não foi o único a ser copiado da obra espanhola. Também o fizeram, em 1818, os autores do *Diccionario Geral da Lingoa Portuguesa de algibeira*<sup>24</sup>. É uma obra estranha, porque os autores copiaram cegamente muitas entradas do modelo espanhol, sem mesmo verificar se a palavra existia em português ou se a transcrição era correcta. Um exemplo: da entrada em Terreros y Pando «Kaei, Fr. Kaey, arbol de madera mui dura, y hojas medicinales de la Nigrícia»<sup>25</sup> fizeram, em 1818, «Kacy s.f. (Bot.) grande arvore da Nigrícia», mudando o 'e' em 'c', com a consequência fatal de alguns lexicógrafos posteriores terem copiado isto: «+ Kacy, s.m. Arvore da Africa, de que os negros fazem canôas»<sup>26</sup> e «Kacy; S. M. Termo de Botanica. Arvore da Africa, que os negros utilizam na construcção das canôas»<sup>27</sup>.

As *III Jornadas de Outono em Culturas Ibéricas*, celebradas no mês de Outubro de 2006, foram dedicadas ao tema «Espanha e(m) Portugal». Para a minha comunicação, escolhi um tema que tem a ver com as minhas investigações sobre a história dos dicionários portugueses. Ter-me-ia sido possível enumerar muito mais dicionários para mostrar a «presença espanhola» em Portugal, mais exactamente na dicionarística. Mas, acredito, os exemplos referidos são testemunhos suficientes para documentar esta influência espanhola pouco conhecida.

23. Madrid, Viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, Don Benito Cano, 1787-1793.

24. *Por tres litteratos nacionaes. Contem mais de vinte mil termos novos pertencentes a Artes, Officios, e Sciencias, todos tirados de Classicos Portuguezes, e ainda não incluídos em Dicionario algum até ao presente publicado*, Lisboa, Imprensa Regia, 1818. *Supplemento ao Dicionario Portuguez de Algibeira*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821.

25. O lexicógrafo espanhol copiou um dicionário francês: *Dictionnaire universel François et Latin. Vulgairement appelé Dictionnaire de Trévoux* [...], *Nouvelle édition, tome troisième*, Paris, Compagnie des Libraires Associés, 1771, v. 5, col. 6: «Kaey s.m. Arbre haut & épais qui croît aux pays des Noirs [...]».

26. António de Moraes SILVA, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha 61858, v. 2, 247.

27. Fr. Domingos VIEIRA, *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, Porto, Editores Ernesto Chardon e Bartholomeu H. de Moraes, 1773, v. 3, 1235.